



PRECISA SABER PESQUISAR PARA SER DOCENTE? O QUE OS FUTUROS PROFESSORES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS TÊM A NOS DIZER

Thávylla Ellen Duarte Correia ¹
Larissa Kênia Silva Oliveira ²
Karla Patrícia de Oliveira Luna ³
José Valberto de Oliveira ⁴

RESUMO

O ato de pesquisar tem uma forte ligação construtivista, pois emancipa o sujeito por meio da investigação, nesse caso, esse verbo se faz necessário nas instituições superiores, pois é a partir dela que os futuros profissionais serão educados por meio da qualidade formal e política. Diante deste princípio, este trabalho buscou analisar a importância dada à pesquisa para atuação docente em Ciências/Biologia. Nessa perspectiva, o presente artigo enquadra-se como um estudo qualitativo, de natureza exploratória e descritiva, visto que apresenta os resultados de um questionário aberto aplicado no Google Forms a uma amostra de trinta e nove licenciandos do sétimo ao décimo período do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus I – Campina Grande (PB). Desse modo, os dados foram gerados e em seguida foi realizada a análise de conteúdo no intuito de compreender a sistemática e os sentidos das respostas por meio dos critérios semânticos, base do referencial teórico. Posteriormente a essa etapa, foi possível considerar que noventa e sete por cento dos entrevistados, dão importância à habilidade docente com a pesquisa, de modo que os futuros docentes associam o ato de saber pesquisar com a atualização continuada do professor. Por isso, ao término desta produção, depreende-se discutir e refletir que a pesquisa está intimamente ligada com a prática docente, uma vez que o professor se faz e refaz diante das necessidades sociais e pedagógicas, sendo esta indispensável ao processo de formação e atuação profissional dos educadores científicos no contexto escolar, uma vez que a pesquisa intervém na realidade.

Palavras-chave: Ensino, Pesquisa, Formação docente, Ciências e Biologia.

INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em Ciências Biológicas. Mestranda do curso de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, profa.thavylla@gmail.com;

² Licenciada em Ciências Biológicas. Mestranda do curso de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Larissa.biologa.17@gmail.com;

³ Doutora em Saúde Pública pelo Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães/FIOCRUZ (2010). Docente no departamento de Ciências Biológicas na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, karlaceatox@yahoo.com.br

⁴ Professor orientador: Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza – UFRPE (2018). Docente no departamento de Ciências Biológicas na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, valberto@servidor.uepb.edu.br.



Não é novidade que o processo de industrialização ocorrido no final do século XIX para início do século XX, possibilitou mudanças radicais no cenário da educação, reverberando todos esses contextos no século atual, XIX. Hoje, a esfera educativa é pautada na situação sociopolítica, o que repercute no modo que se ensina e aprende. Antes, a conjuntura era de aulas meramente expositivas, onde o professor detinha o conhecimento, e por ali, existia a reprodução desses saberes, diante disso, tinha-se a famosa “cópia da cópia”, termo proposto por Demo (2015), no qual explica que o docente seguia fielmente o conteúdo do livro didático, e o aluno por sua vez, reproduzia a fala engessada do orador, o professor. E nessa tendência, carregasse uma fala bastante repercutida e discutida nas salas de formação de professores: “uma educação nem, nem”, onde o professor nem ensina e o aluno nem aprende (FREIRE, 2000; DEMO 2015; (ASSEMANY E GONÇALVES, 2022).

Como resposta a esse ensino, nasce o movimento da Escola Nova, que ao contrário do que se pensa, não tem a estrutura física de uma escola, mas é constituída por um modelo a partir de um conjunto de teorias e ideias de: pesquisadores, pedagogos e psicólogos. Nesse viés, ao analisar essa nova forma de ensino, é cabível evidenciar a importância do papel docente, uma vez que o professor deve cumprir o papel de orientador (FREIRE, 2000; MENEZES, 2001).

Nessa linha de pensamento, é importante ressaltar a importância da pesquisa na formação, tanto docente, como discente, pois é por meio dela que o ato de pesquisar busca o investimento de soluções para orientar o real. Esse envolvimento desenvolve o sentimento de pertencimento pois cria-se o espírito investigativo, tanto no docente, quanto no discente. Segundo Demo (2015), um dos principais autores nessa linha de pesquisa, o professor deve ser aquele que se faz oportunidade, nesse sentido, ele por meio de suas pesquisas, leituras, pelos referenciais teóricos, planejamentos, oportuniza o questionamento-reconstrutivo como aporte de mudança para a formação e qualidade formal e política.

Se analisarmos o texto da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, observaremos que a educação é um tema reiteradamente citado. Inicialmente, no artigo 6º desse diploma legal, nos é dito que a educação é um direito social, logo é garantida a todos os indivíduos. Ademais o texto da nossa carta magna em seu artigo 206, inciso II, prevê que o ensino será ministrado tendo como base a liberdade de pesquisar e divulgar o pensamento. Logo, fica evidente que a educação pela pesquisa possui uma importância ímpar, ganhando destaque até mesmo no texto legal da nossa Constituição (CONSTITUIÇÃO, 1988, CAPÍTULO III, DA EDUCAÇÃO, Art. 206).



Tendo em vista todos esses dizeres, fica necessário o docente “*out of the box*”, sair da caixa, pois não cabe o repasse de aulas, nascendo o professor pesquisador, aquele dito “diferente”, pois consegue colocar o que está sendo estudado na sala de aula, no ambiente que o estudante vive, ou vice-versa. Ele sabe utilizar o que o estudante conhece na prática docente. Desse jeito não é fácil, por isso, precisa saber o que está fazendo. Dessa maneira o professor pesquisador estuda e planeja a melhor maneira para a tal (TARDIF, 2014).

Por esse motivo, ele se recicla e atualiza cotidianamente como prevê Pedro Demo (2015), assim a atualização docente é necessária para ser e ter uma educação de qualidade, pois reflete no alunado, o que hoje chamamos de contextualização. Assim, destarte a relevância desse trabalho, por evidenciar dados já postos para discutir com mais zelo o que os licenciandos pensam sobre pesquisar para colocar no seu fazer pedagógico, ou se durante sua formação observam essa prática. Haja vista disso, o objeto geral da foi analisar a importância dada à pesquisa para atuação docente em Ciências/Biologia. Diante disso, viu-se que 97% (noventa e sete por cento) alegou que é preciso pesquisar para a finalidade educativa. Evidenciando a relevância do educar pela pesquisa como práxis de conhecimento.

METODOLOGIA

Abordagem metodológica e delimitação do universo da pesquisa

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa e qualitativa, pois busca-se por meio de dados, quantificar e evidenciar resultados mediante ao problema, através de indicadores numéricos. Nesse viés, também interessa-se responder às questões particulares, pois, é por intermédio da leitura e interpretação desse sistema complexo que será compreendido os fenômenos naquele contexto (GIL, 2008; RODRIGUES et al. 2021).

Além disso, é preciso ressaltar que esse trabalho se enquadra como uma pesquisa do tipo exploratória, pois é um das características qualitativas na qual, explora um dado problema em que aproxima e o tema das hipóteses e remete informações por meio da investigação. Ademais, cumpre também a tipologia dessa obra a pesquisa descritiva, uma vez que descreve as características e funções atribuídas a um levantamento de dados qualitativos (GIL, 2008).

O universo desta pesquisa é oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora, na qual entrevistou 39 (trinta e nove) estudantes do curso de licenciatura em Ciências Biológicas dos dois turnos, integral e noturno do Campus I, matriculados nos componentes curriculares de “Estágio em Ensino de Ciências” e “Estágio em Ensino de Biologia”.



Análise dos dados

Dito que os dados foram fornecidos mediante a autorização da autora, pois sentiu-se a necessidade de interpretar as respostas dos discentes da primeira pergunta sendo ela de caráter aberto. Dessa maneira, para analisar os resultados deste item descritivo, aproveitando a tabela já posta e codificada pela letra, “E” de estudante, seguida do numeral correspondente ao matriculado “1” um, na qual representa a ordem em que o estudante participou do questionário, leu-se as 39 (trinta e nove) respostas por meio de uma leitura flutuante, representando a primeira etapa, chamada de pré-análise; logo em seguida, buscou-se a exploração de materiais, sendo está a segunda fase, onde criou-se as categorias; por último, a interpretação dos resultados, está a terceira por meio do tratamento dos dados. Nesse ínterim, buscou a técnica de pesquisa de análise de conteúdo defendida por (BARDIN, 2011; SOUSA E SANTOS, 2020).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que o século XXI é marcado pelas transformações tecnológicas, científicas e sociais, e por esse motivo, como tudo reflete na educação, é preciso que esse setor também caminhe em direção a esse novo modelo de inovação. Até porque, os estudantes fazem parte dessa nova sociedade, por consequência, suas mentes estão cada vez mais inquietas e apressadas como sugere o nome modelo social, por esse motivo faz-se necessário adaptarmos o ensino (ASSEMANY E GONÇALVES, 2022).

Diante desse cenário, é preciso resgatarmos da memória o modelo de ensino dos séculos passados para compreendermos as mudanças sofridas no decorrer do tempo. Antes via-se um modelo tipicamente tradicionalista na qual era respaldado aulas meramente expositivas e reprodutivistas, cuja finalidade era responder aos anseios da sociedade da época. Nessa perspectiva, a figura central era o docente reproduzindo os conteúdos dos livros didáticos, que automaticamente seriam reproduzidos aos estudantes o tal da “cópia da cópia” termo proposto por Demo (2015) em seus escritos. O estudante figura-se no “gravador”, para reproduzir todos os conteúdos e de ser uma “esponja” capaz de absorver todas aquelas falas para passar por média. Desse modo, a aprendizagem não era a principal preocupação (DEMO, 2015; KFOUR et al. 2019).

Nesse viés, como alternativa e resposta às críticas ao modelo tradicional, pois percebeu-se que os estudantes ao saírem da escola tinham uma aprendizagem superficial para enfrentarem o mercado de trabalho e de não serem críticos ao modelo vigente, a industrialização, foi o que impulsionou o surgimento da Escola Nova, na qual defende que o processo de ensino e



aprendizagem deve pautar-se ao estudante, de modo que ele seja sujeito ativo e não passivo de aula. A partir desse momento, o movimento escolanovista defende que os estudantes sejam os protagonistas do seu aprendizado, por meio de três princípios norteadores, a observação, a pesquisa e a resolução de problemas, objetivando a iniciativa, a proatividade e por consequência a autonomia como sugere Menezes (2001). No exterior, onde foi fortemente dissipado e fecundado a Escola Nova, é inquestionável a participação de John Dewey, Maria Montessori, Jean-Ouvide Decroly e Freinet (MENEZES, 2001; KFOUR et al. 2019).

Nesse aspecto, é válido ressaltar o que a pedagogia deweyana propõe uma educação pela ação, isto é a finalidade de educar é oferecer condições para, que o estudante tome as decisões seguras e pensadas com o objetivo de, por esse motivo, o autor resalta que é inseparável vida, experiência e aprendizagem, pois esses pilares formam um indivíduo na qualidade formal e política (DEMO, 2015; KFOUR et al. 2019).

A partir da leitura flutuante das respostas, permitiu-se sistematizar as ideias elementares para a construção do texto. Por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011), encontrou-se 9 (nove) categorias determinantes que retratam bem a observação dos dados sendo elas: “Ensino; É importante; Atualização docente; Saber articular teoria e prática; Qualificação docente; Inovação educacional; Ciência e educação; A pesquisa é a base; Nada”.

Prenunciando a discussão, é necessário que fique esclarecido que as 39 (trinta e nove) respostas foram lidas, codificadas e interpretadas de modo que muitas delas apresentaram sobreposição de mais de uma categoria, ao contrário da categoria “nada”, que se mostrou singular, isto é, apenas um estudante alegou que não é importante o professor ter habilidade com a pesquisa. Ao analisar essa resposta, é válido entender que, do total da amostra apenas 3% (três por cento) teve aversão ao trabalho, diferente dos 97% (noventa e sete por cento) que apreciaram os saberes. Nessa perspectiva, fica apropriado aprofundar-se nos referenciais que dialogam sobre a formação docente pautada no educar pela pesquisa.

Visto isto, uma das categorias mais recorrentes dessa pesquisa foi “saber articular teoria e prática”, para a discussão dessa ideia, antes é imprescindível ressaltar o papel docente, principalmente no século XXI, pois como já foi dito, essa nova era sofre constante mudanças e não cabe ao professor prender-se somente aos livros didáticos, ao quadro e pincel, mas, ser capaz de elucidar esses dois saberes, teoria e prática, como corrobora Demo (2015), que alega em seus escritos que a pesquisa é constituída de dois princípios, o aporte científico e o educativo. O primeiro, refere-se ao método, que é uma herança-base do ensino superior, e para alcançar os resultados, busca-se pelas técnicas e leitura para assim chegar ao segundo ponto, o



educativo, onde nele será cultivado o espírito crítico, por meio da leitura de mundo, de modo questionador para intervir na realidade (FREIRE, 2000; LUDKE, 2005).

Nota-se, portanto, por esse ponto a necessidade e confirmação da categoria “é importante”, pois, se esse indivíduo ao enxergar-se diante do seu contexto e com a qualidade científica formal bem formada consegue-se intrometer-se diante do seu universo, assim, nasce um sujeito crítico, reflexivo atuando em prol não apenas do seu mundo, mas dos demais que o cercam. Dessa maneira não será passivo, tampouco mandado, mas, tem voz e sabe agir perante a necessidade, essência freireana e porque não dizer lembrar de Ausubel (FREIRE, 2000; BNCC, 2018).

Conforme este segundo autor, para Ausubel, o docente deve ser atento a estes dois fatores, que são cruciais para uma aprendizagem significativa: o conteúdo deve ter um potencial revelador, isto é chamar atenção, bem como o próprio estudante tem de estar predisposto a aprender. Isso é manifestado por meio do professor pautando-se em como trazer um determinado assunto para a realidade estudantil (FREIRE, 2000; DEMO, 2015; DURÉ et al. 2018; BNCC, 2018).

Nesse aspecto, Duré et al. (2018) exalta que conteúdos biológicos tendenciosos para área de saúde tais como, sistemas fisiológicos e da Zoologia, são os assuntos que despertam mais interesses, onde os estudantes têm uma maior interação e conseqüentemente as notas correspondem a empolgação, pois se identificam com tais. Diferentemente de temas como genética e bioquímica, nesses os estudantes relatam que são temas complexos e ficam no campo das ideias, não conseguem colocar na prática. Interessante dizer que, esses mesmos são correspondentes a dificuldade dos próprios professores que ministram tais aulas. O que mostra que aparentemente esses mesmos educadores sofreram os mesmos obstáculos. “E agora, o problema é de quem? Dos professores que formaram os professores? Ou dos professores que não aprenderam?” (DURÉ et al. 2018).

Essas perguntas são bem individuais, mas o que se pode dizer de forma geral, é que não se pode colocar todos os problemas da educação aos docentes formadores, pois o ato em aprender é mais complexo que muitos dos assuntos biológicos, já que não envolve ou depende somente dele, mas de outros pontos intrínsecos, ao estudante por exemplo. Como, também não se pode retirar a importância da prática docente para a formação de professores, principalmente nas Instituições de Ensino Superior (IES), berço da pesquisa científica e educativa (DEMO, 2015; GERMANO 2017; DURÉ, et al. 2018).



Atrelado a isto, a outra gênese importa-se com o educar, nesse viés, usufruir da pesquisa para tal. Assim, o estudante pautado nesses dois modos, aprende melhor. Um exemplo clássico são os projetos de pesquisa das universidades, que são relatados no questionário e reafirmado com Demo (2015), onde PIBIC; PIBIC e projetos de extensão, fazem diferença no aprender. Pois este aprende na prática tanto as técnicas metodológicas, como sabe interferir na realidade de modo crítico e tudo isso reflete na teoria e prática, pois sabe articular todos esses vieses (PINHEIRO, et. al. 2018).

Nota-se que, para atingir esse êxito e emparelhada com a ideia anterior, essa situação só é possível se houver a “qualidade docente” e “atualização docente”. pois o professor segundo Freire (1994), ensinar não é transferir o conhecimento, mas preparar o indivíduo a ser crítico-reflexivo, dessa forma, não existe ensino sem pesquisa e o contrário satisfaz. De modo que, quando o professor tem a percepção por meio da percepção da necessidade do contexto social, sabe, ler, problematizar, buscar referenciais, elabora, pesquisa e avalia meios para os quais chegue à finalidade do aprender (FREIRE, 2000; DEMO, 2015; SEVERINO, 2018).

Conforme Demo (2015), o cérebro humano tem a percepção cognitiva e é mais eficaz que uma máquina tecnológica nesse sentido, pois entende fenômenos de ambiguidade, interpreta em entrelinhas códigos que os meios tecnológicos não reparam. O que não dá pra fazer, é decorar aula, visto que já se tem meios para essa finalidade, como os gravadores, por conseguinte não é aturado reduzir estudantes a meros reprodutores de áudio. Não obstante, é necessário destacar o papel da formação continuada de docentes a cotidianamente ressignificar seu papel diante do contexto social, pois ele é o formador e exemplo de sujeito ativo, pesquisador, reflexivo, crítico, cumprindo a função de professor e pesquisador, para aperfeiçoar seu fazer didático pautado no questionamento reconstrutivo (SEVERINO, 2018).

Ao ajustar-se aos pontos anteriores, a consequência é compreender que “A pesquisa é a base”; não restringindo somente a ela, mas, é um dos caminhos para alcançar uma aprendizagem significativa. Dessa forma, a tendência é a reverberação do cuidado propedêutico para o aprender do alunado, assim, percebe-se pelas respostas o estudante que ler, busca, questiona, vai a campo, faz prática, escreve e dialoga com seus pares, são aqueles satisfeitos com sua formação, tornando-se autor e protagonista do seu aprendizado. Cabe ao professor cuidar para que o aluno aprenda, e para isto, é preciso que o docente, se capacite recicle-se para manter viva a prática cotidiana da pesquisa já que será refletida no ensino, para que não se acomode com as situações pedagógicas Demo, (2015), ocorrendo por sua vez na “inovação educacional” (FREIRE, 2000; LUDKE, 2005).



No que compete a categoria “ciência e educação” ressalta-se pontos importantes que causam grandes impactos na atualidade. primeiro, pode-se fazer a seguinte pergunta: “O que a ciência tem a ver com a educação?”, para responder essa, porque não questionar, “Como falar de educação sem falar em ciência?” A resposta é direta, pois, como “dar” conteúdos regradados no plano de aula, se fora da escola, esse jovem em formação precisa lidar com situações corriqueiras dos seus estudantes, bem como crianças, ou jovem, adulto se depara com situações corriqueiras na qual necessita de explicações científicas. Então por isso, houve a reestruturação da educação para que o contexto que aquele aluno vive deve ser enquadrado nas discussões em sala de aula (SEVERINO, 2018).

Desse modo, o contexto científico, conhecimento do mundo, deve se fazer presente na escola para que este saiba interferir como cidadão ético, crítico. E do ponto de vista do docente, é preciso desmistificar alguns “tabus” de que o professor não tem dados suficientes para fazer pesquisa. Ora, são eles que têm grandes dados para serem divulgados. São os docentes que mexem com pessoas, com famílias, situações, atividades, pesquisas, então, é preciso ressaltar que os dados é sua própria sala de aula, sua turma, eles são os ditos professores pesquisadores, e é isso que deve estar claro nos professores em formação, e desmistificar que só tem dado, são os professores de bancada (FREIRE, 2000; LUDKE, 2005; DEMO, 2015; PINHEIRO, et. al. 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, pode-se dizer que por meio da leitura flutuante das respostas dos estudantes de licenciatura do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, foi possível constatar que os futuros professores destacam que o educar pela pesquisa é uma das ferramentas base para a formação deles, pois confluência à teoria e prática, o que possivelmente fará dele um bom profissional, habilitado tanto no aspecto científico, formal quanto no político, educativo. Bem como quando ele formado nessa perspectiva será um excelente estudante, pois consegue analisar o contexto em que vive e aplicar os princípios formais, sabendo intervir.

Desse modo, revela-se a necessidade da mudança de postura para o método puramente tecnicista de aula expositiva, para que haja a inovação educacional dada a precisão do atual século. Assim, convém reafirmar como o educar pela pesquisa resgata pontos que eleva o estudante a ter uma boa construção formal e pedagógica para que o docente cotidianamente recicle-se e se volte ao pensamento crítico, reflexivo, ativo, como um professor pesquisador.

REFERÊNCIAS



ASSEMANY, D.; GONÇALVES, D. Pedagogia de Aprendizagem Ativa: referenciais resultantes da formação de professores. En Proceedings INNODOCT/21. International Conference on Innovation, Documentation and Education. Edit. **Universitat Politècnica de València**. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Capítulo III, Art. 206, inciso II. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 de dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. Base Nacional Comum Curricular: BNCC. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

DURÉ, R. C.; ANDRADE, M. J. D. de.; ABÍLIO, F. J. P. Ensino de Biologia e Contextualização do Conteúdo: Quais temas o aluno de ensino médio relaciona com o seu cotidiano? *Experiências em Ensino de Ciências*. v.13, n.1, p. 259-272, Ago. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GERMANO, M. G. **Considerações acerca do ensino e da aprendizagem**. Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36247>>. Acesso em: 09/12/2023 16:46

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KFOURI, S. F.; MORAIS, G. C. de; PEDROCHI JUNIOR, O.; PRADO, M. E. B. B. Aproximações da Escola Nova com as Metodologias Ativas: Ensinar na Era Digital. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 132–140, 2019. DOI: 10.17921/2447-8733.2019v20n2p132-140. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/7161>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LÜDKE, M. O professor e sua formação para a pesquisa. *EccoS – Revista Científica*. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 333-349, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71570206.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2023.

MENEZES, E. T. de. Verbete Escola Nova. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: MídiAmix Editora, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/escola-nova/>>. Acesso em 15 nov 2023.

PINHEIRO, M. S; PASSOS, M. L. S.; NOBRE, I. A. M. Importância da pesquisa na formação docente para a prática pedagógica reflexiva. **Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 8, n. 01, 2018.



RODRIGUES, T. D. de F. F.; DE OLIVEIRA, G. S.; DOS SANTOS, J. A. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SEVERINO, A. J. Docência universitária: a pesquisa como princípio pedagógico. **Revista@mbienteeducação**, v. 2, n.1, p. 120-128, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/540/511>. Acesso em: 09 dez. 2023.

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petropolis, RJ. Editora vozes. 2014.